



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CAROLINA SANTORO CECCATTO

**CAPITAL SOCIAL E PROJETO DE VIDA: análise a partir dos alunos de duas
escolas de Rio Claro**

Rio Claro

2013

CAROLINA SANTORO CECCATTO

**CAPITAL SOCIAL E PROJETO DE VIDA: análise a partir dos alunos de
duas escolas de Rio Claro**

Orientador: Profª Drª Joyce Mary de Paula e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,
para obtenção do grau de licenciada em
Pedagogia.

Rio Claro

2013

370.193 Ceccatto, Carolina Santoro

C387c Capital social e projeto de vida : análise a partir dos alunos de
duas escolas de Rio Claro / Carolina Santoro Ceccatto. - Rio
Claro, 2013
54 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura -
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Joyce Mary Adam de Paula e Silva

1. Sociologia educacional. 2. Escola. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho a comunidade local com
esperança deste ser útil para outras pessoas quais se
interessam pela mesma temática tratada nesta pesquisa.

Agradeço a minha família que esteve presente e me acompanhou em todos os desafios encontrados até aqui. As amigas da universidade pela cumplicidade e companheirismo nos momentos de felicidade e dificuldades passados durante a graduação. E a Pro^a Joyce Mary Adam de Paula e Silva por ter aceitado me orientar, pela disponibilidade e atenção durante a realização deste trabalho.

Agradeço também as escolas que se abriram e aceitaram participar desta pesquisa e aos alunos que me atenderam com muita paciência e interesse.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes.” (Marthin Luther King).

Resumo

Esta pesquisa se propôs a estudar o projeto de vida construído por alunos de duas escolas da cidade de Rio Claro-SP, considerando o Capital Social que estes alunos possuem a partir de suas realidades socioeconômicas e a importância que dão à escola quando pensam no futuro. Devido a rapidez exigida pela sociedade atual no que diz respeito às mudanças e aperfeiçoamento dos indivíduos pode-se notar um aumento na dificuldade dos jovens perante as escolhas necessárias para pensarem a vida futura, tanto no que se refere à área profissional, quanto às outras questões como sair de casa, formação da família etc. Assim é importante clarear qual a influência que o capital social destes jovens exerce sobre o projeto de vida que desejam construir. E também como este capital é capaz de fazer com que os alunos considerem a escola importante ou não para contribuir na construção do projeto de vida.

Palavras-chave: Capital Social. Escola. Projeto de vida.

Sumário

1 Introdução.....	6
1.1 A metodologia utilizada.....	6
1.2 As escolas e os alunos participantes deste estudo.....	8
1.3 Os objetivos.....	9
2 Transformações sobre a concepção de futuro.....	10
2.1 Projeto de vida.....	13
3 Alguns referenciais teóricos sobre o Capital Social.....	19
4 Análise dos dados.....	28
4.1 Projeto de vida.....	28
4.2 Prioridades para o projeto de vida.....	33
4.3 Lugar e importância da escola no projeto de vida dos alunos.....	35
4.4 Pontos onde o capital social influencia os jovens.....	37
5 Considerações Finais.....	50
6 Referências.....	54

1 Introdução

Ingressei na Universidade em 2010 no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, a escolha por este curso partiu pelo interesse entre a mediação do saber e o indivíduo, acreditando que a instituição escolar devido a este movimento trata-se de um dos locais significativos, senão o mais significativo para que os sujeitos através da absorção de conhecimentos e da vivência social consigam ascender socialmente e buscar novos horizontes modificando suas realidades.

No ano de 2011 iniciei minha participação como bolsista de iniciação científica em um grupo de pesquisa qual desenvolve um trabalho referente a Violência de jovens e Violência escolar realizando um estudo sob a ótica do imaginário escolar e da inserção social. Este grupo é composto por pesquisadores do Departamento Educação do Instituto de Biociências da Unesp- Rio Claro, três profissionais da Diretoria de Ensino de Limeira (SP), supervisores e professores coordenadores.

Durante o desenvolvimento das atividades como bolsista me despertou o interesse em conhecer e me aprofundar no contexto dos alunos que faziam parte do trabalho. Estes alunos pertenciam a classes socioeconômicas menos favorecidas, habitavam bairros periféricos da cidade e frequentavam escola pública. Surgiu-me então a questão “De que maneira o meio social e a estrutura de suas relações existentes é capaz de influenciar seus projetos de vida?” estendendo-se posteriormente a outra indagação “Há diferença entre o projeto de vida destes jovens e de outros que fazem parte de classes sociais mais abastadas e pertencem a um diferente contexto social?”

Ambos os questionamentos a cima levaram ao interesse pelo desenvolvimento de meu Trabalho de Conclusão de Curso, tratando do tema como o capital social dos jovens pertencentes a distintas realidades podem influenciar na construção de seus projetos de vida.

1.1 A metodologia utilizada.

A metodologia desta pesquisa é de natureza qualitativa, contando com uma parte bibliográfica referente ao Capital Social, Projeto de Vida a fim de fundamentar o trabalho.

Os dados utilizados foram coletados anteriormente por meio de grupos focais. O grupo focal é uma técnica de pesquisa que já vem sendo utilizada há bastante tempo. Nos anos 20 foi utilizada como técnica de pesquisa em Marketing e nos anos 50 foi usada por Robert Merton para estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra. Nas décadas de 1970 e 1980 foi utilizada em pesquisas na área de comunicação sem, no entanto, constituir-se sistematizadamente como técnica de pesquisa. Gatti (2005, p.07) cita a definição sobre o conceito de grupo focal da seguinte maneira: “é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”. Uma das questões centrais do grupo focal encontra-se nas interações que se processam entre os membros do grupo sobre determinado assunto de pesquisa, promovendo a explicitação de posturas, princípios, reações etc.

A dinâmica proposta para os alunos participantes dos grupos focais ocorreu da seguinte maneira:

- Abertura para uma conversa com a proposta dos alunos exporem suas expectativas para o futuro, contarem o que os levam a ter estas expectativas, qual o lugar ocupado pela escola na construção de seus projetos de vida e que contribuição à instituição escolar proporciona para o futuro.

O objetivo das questões foi entender como os alunos das duas escolas pensam seu futuro levando em consideração suas diferentes realidades, então como o Capital Social destes jovens é capaz de influenciar na formação de suas expectativas de vida após os anos escolares. E identificar como consideram a escola uma forma de contribuição ou não para isto.

A intenção dos grupos focais foi reunir alunos do 1º ano do ensino médio, pois acabaram de entrar na última etapa da vida escolar e onde se preparam para o futuro e alunos do 3º ano, devido ao fato de já estarem na

fase final desta preparação e sentirem a cobrança de tomar decisões futuras como o trabalho ou continuação dos estudos. As instituições escolares colaboradoras desde trabalho são duas escolas localizadas na cidade de Rio Claro. Para a análise dos depoimentos coletados foi utilizada a técnica da análise de conteúdo. As questões abordadas nos grupos focais serviram como eixos norteadores da análise. Em cada entrevista a intenção foi identificar os temas, ênfases e padrões presentes nas falas dos entrevistados. (Bardin, 1977).

A partir da análise dos dados a busca foi dedicada a identificar e caracterizar além dos objetivos já traçados na pesquisa quais foram os elementos apontados pelos alunos como prioritários para compor seus projetos de vida.

1.2 As escolas e alunos participantes deste estudo.

Os alunos participantes desta pesquisa são estudantes do Ensino Médio de duas escolas da cidade de Rio Claro- SP. Sendo uma escola Particular e outra Estadual. O critério adotado para a participação dos alunos nos grupos focais tratou-se do ano escolar que estão cursando, sendo assim participaram alunos do 1º ano do ensino médio, pelo fato de estarem entrando em um nível de ensino tratando-se do último ciclo da trajetória escolar onde se inicia uma preparação para a vida futura. E alunos do 3º ano do ensino médio, por já estarem na fase final deste ciclo escolar prestes a sair da escola e começar a realizar o que já haviam planejado para a fase da vida que está por vir, continuando os estudos, entrando no mercado de trabalho ou muitas vezes exercendo as duas atividades.

A escola Estadual que contribuiu para a pesquisa atende os níveis de ensino do Fundamental II e Ensino Médio, funcionando durante o período da tarde atendo ao Nível do Fundamental II e da manhã e noturno atendendo os três anos do Ensino Médio. Mesmo a escola se localizando em uma área considerada central da cidade de Rio Claro –SP, parte considerável dos alunos

atendidos são advindos de bairros carentes localizados em áreas periféricas da cidade. Os alunos participantes da pesquisa quais frequentam esta instituição são estudantes do período noturno sendo dois do 1º ano e dois do 3º ano do ensino médio. Todos eles trabalham durante o período diurno. Dos 4 estudantes entrevistados somente uma está na escola desde o Ensino Fundamental II, entrando na instituição na 8º ano/ 7 série.

A escola particular participante da pesquisa é bastante reconhecida e tradicional na cidade e região. Localiza-se na área central da cidade e atende alunos desde o nível da educação infantil até o ensino médio. A escola funciona somente nos períodos da manhã e da tarde, sendo o Ensino Médio oferecido no período matutino. Os alunos quais fizeram parte do grupo focal foram dois estudantes do 1º ano e dois do 3º ano do Ensino Médio. Nenhum dos estudantes trabalham. Uma das alunas é moradora da cidade de Araras-SP que se localiza próxima a cidade de Rio Claro, e assim como vários outros estudantes da mesma cidade viajam todos os dias para frequentarem esta escola. Dentro estes 4 alunos três estão nesta escola desde a educação Infantil ou Ensino Fundamental I.

1.3 Os objetivos

Objetivo geral

O objetivo geral deste projeto é estudar como o capital social-dos alunos de duas escolas da cidade de Rio Claro interfere na construção de seus projetos de vida.

Objetivos específicos

- Entender como o Capital Social dos alunos de duas escolas localizadas na cidade de Rio Claro, considerando as especificidades de cada uma e

do público que atende, pode interferir na construção de seus projetos de vida;

- Analisar diferenças e semelhanças na construção dos projetos de vida dos alunos considerando a escola frequentada;
- Identificar onde a escola está presente na construção do projeto de vida dos alunos.

2 Transformações sobre a concepção de futuro.

Este capítulo busca explicitar o que se entende por projeto de vida a partir da bibliografia adotada para o desenvolvimento deste trabalho. Porém, anteriormente a adentrarmos a escrita referente ao projeto e suas implicações para a vida dos jovens é de extrema importância entendermos como a noção de futuro e os planos e perspectivas para este se modificaram conforme o passar do tempo dentro de uma linha histórica considerando as singularidades dos pensamentos das sociedades de cada época.

No momento em que pensamos no futuro (*em latim **futuru**: Que há de vir a ser; que está para ser ou acontecer; o que há de suceder depois do presente*) formamos em nossa mente os acontecimentos quais esperamos que ocorram e também que ações serão utilizadas para que a realização destas expectativas se concretizem. Porém, nossa problemática se estende para quais fatores podem influenciar sobre a programação dos objetivos futuros esperados por um indivíduo e sobre as medidas tomadas para conseguir atingir tais objetivos.

Nas palavras de Leccardi, 2005,p 36.

Se, o futuro é considerado a dimensão depositária do sentido do agir; se é representado como o tempo estratégico na definição de si, o veículo pelo qual, em direta ligação com o passado, a narração biográfica toma forma, o diferimento da recompensa pode, então, ser aceito. Nessa perspectiva, o futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será.

Como se pode ver nas palavras de Leccardi o sujeito consegue se projetar no futuro e conseqüentemente pensar quem será considerando a força do passado para a construção do pensamento do futuro, pois é no passado e no presente onde temos a oportunidade de pensarmos quem seremos pensamento este que decorre a partir das circunstâncias na qual estamos inseridos.

A autora Leccardi (2005) citando Norbert Elias ([1984] 1986) mostra como a construção da perspectiva do tempo se dá em uma dimensão social e não biológica ou metafísica como pode-se acreditar. Pois, no decorrer do tempo o indivíduo é capaz de se modificar conforme os diferentes hábitos adotados e com as condições de desenvolvimento das sociedades qual faz parte.

Isto nos mostra que o conceito de temporização se modifica durante o período evolutivo, recebendo novas formas de ser visto pelos indivíduos, com esta evolução as “sociedades se diferenciam, mas os conceitos temporais tendem à abstração, a um grau mais elevado de síntese conceitual”. (LECCARDI, 2005, p.37)

Estas transformações provocaram mudanças nos olhares para a questão da temporalidade. Na era primitiva a ideia de tempo possuía um caráter circular, diferentemente da época atual, o tempo não era passível de ser contado como numa linha histórica dividida em períodos, pois acreditava-se sempre em um “retorno ao início” sendo um processo cíclico: o que aconteceu no passado acontecerá novamente no futuro após certo período de tempo que pode ser extenso ou reduzido, não havendo rompimento entre as dimensões de passado, presente e futuro. Não havia a crença na possibilidade de que o Homem conseguisse exercer algum poder sobre a ação do tempo possuindo a ideia do destino como o mentor dos acontecimentos sobre os indivíduos exercendo a força de suas influências nas ações dos sujeitos, “o destino governa o tempo: tanto os seres humanos como os deuses estão submetidos a seus desejos.” (LECCARDI, 2005, p. 40).

A visão do futuro poderia ser realizada apenas por meio de rituais, prendendo-se as crenças em lendas e mitos, tendo dessa forma a única maneira de conseguir visualizar o que poderia ocorrer no futuro esperado. Para Leccardi, (2005. p.39) na era das civilizações arcaicas a consciência sobre o tempo se consistia da seguinte forma:

A consciência dos homens primitivos não percebe a mudança como ruptura e descontinuidade. O futuro, por esse ângulo, não se diferencia do passado. No novo, a mentalidade primitiva

reencontra o antigo. Uma concepção linear do tempo, com efeito, está totalmente ausente nas sociedades arcaicas.

No entanto, esta concepção temporal se modifica com o decorrer dos séculos assumindo uma face linear dividida entre passado, presente e futuro durante a Idade Média (séc. V–VX). Submetendo-se ao modo cristão de se ver o tempo. Agora também há a crença na capacidade de controle do Homem sobre o tempo. Porém, mesmo que considerando este comando do indivíduo sobre o tempo é a Deus que está designado o poder de influência sobre o passado, presente e futuro, e também a comunidade cristã e não ao indivíduo em sua singularidade, assim como afirma Leccardi (2005).

Dentro desta concepção da linearidade cristã há a ideia que o tempo se estende do início até o fim dos tempos (Apocalipse), onde cada momento é único e não há possibilidade de retorno como acreditavam as civilizações arcaicas diante do modelo cíclico do tempo. Porém, a valorização de tradições e repetição do passado não é perdida. Apenas a crença no movimento cíclico do tempo é dissolvida, criando a ideia de onde se começa a história até seu ponto de finitude.

Com a modernidade (séc. VX-VII) perde-se a crença da supremacia do poder do Divino sobre o passado, presente e principalmente o futuro. Dando ao Homem a capacidade de por meio de suas ações e decisões escolher os caminhos que irá percorrer, a concepção do tempo de uma forma linear permanece seguindo uma linha histórica, porém, não há mais a ideia de um fim dos tempos. Agora segue-se num modo de processo existindo apenas o período de antes e depois dos fatos. Assim, como Leccardi (2005) explicita na fala de Agamben, 1978, p. 97 “O tempo permanece vetorial, mas é expurgado de qualquer ideia de um fim e esvaziado de qualquer outro sentido senão o de ser um processo estruturado por um antes e um depois”.

Com a capacidade de se projetar o futuro a partir das próprias decisões e ações esta dimensão do tempo passa a ser mais valorizada pela sociedade moderna, agora deixa-se de tentar sempre recuperar o que aconteceu no passado e a busca passa a ser pelo novo que o futuro pode oferecer, conceito

que na era iluminista foi nomeado como: *futuro aberto* contrariamente as épocas passadas “o devir aparece ligado, por um duplo fio, às escolhas e às decisões do presente”. (LECCARDI, 2005, p.42).

A nova condição de poder sobre o futuro oferece ao indivíduo moderno certo receio pelo o que pode vir a ocorrer nesta dimensão temporal, pois este indivíduo agora é o responsável pelos acontecimentos vindouros. Diante deste novo temor resta a realização da projeção do futuro esperado, construindo uma espécie de planejamento dos fatos, decisões e ações a fim de evitar a imprecisão do que irá suceder no amanhã desconhecido.

E é nessa necessidade de planejamento dos acontecimentos futuros qual será debruçado este trabalho, escolhido o capital social do indivíduo entre as diferentes variáveis que acabam por influenciar nas formas que o sujeito imagina-se futuramente. Dentro desta perspectiva vamos agora compreender o modo de construção do projeto de vida, para em um segundo momento podermos identificar o que compõe o projeto de vida dos jovens entrevistados para esta pesquisa segundo suas singularidades.

2.1 Projeto de vida.

Projeto em latim *projectu*, palavra trazida no dicionário como sinônimo de: *plano para a realização de um ato; desígnio, intenção*. Não só o ideal de futuro modificou-se com o transcorrer dos séculos, mas também o ideal de projeto sofreu alterações no modo de ser visto e entendido conforme as sociedades evoluíram dentro do processo histórico.

Em uma breve descrição das modificações ocorridas no conceito de projeto trazido por Santos (2002) pode-se dizer que o projeto surgiu como o meio de se pensar o futuro, porém inicialmente usado para projetar o futuro de um coletivo, sendo pensado apenas por uma estreita camada da sociedade formada por políticos quais decidiam por todos os demais membros da sociedade os rumos que seriam seguidos. Já, em meados do século XVIII criou-se a ideia de projetos como um meio de progresso o considerando como

uma forma de realização pessoal. Apenas no início do século XX o projeto passou a possuir sua função individual para os sujeitos, caracterizando a sociedade moderna como uma sociedade de acúmulos de projetos.

O projeto de vida nesta pesquisa será considerado como o que os jovens estudantes participantes dos grupos focais esperam para o futuro e do que este é constituído, como: expectativa profissional, questionamentos, sonhos, e a necessidade de fazer escolhas. Essas escolhas, no entanto estão cada vez mais difíceis de serem feitas devido às constantes mudanças no atual cenário mundial, pois estamos em uma sociedade do imediatismo, onde a todo o momento e rapidamente ocorrem modificações em suas necessidades e valores. Causando ainda mais dúvidas, conflitos e medo nos jovens.

Maia e Mancebo (2010) apontam que tais constantes modificações trouxeram ao processo de transição para a vida adulta a qual já conta com grandes incertezas e desafios, um caráter ainda mais difuso e multifacetado, tornando-se ainda mais desafiante para os jovens.

A obrigação de fazer escolhas que ditarão os rumos de uma vida futura ocorre em um momento de transição de “fases” da vida do sujeito, entre a passagem da infância não muito distante, para a vida adulta que se aproxima. O caminho da infância até a fase adulta perpassa pela adolescência e juventude caracterizadas pelas mudanças corporais, e de personalidade. A juventude pode ser classificada segundo duas diferentes categorias: a faixa etária, e a categoria social que é compreendida pelo momento histórico, social e cultural existente.

Considerando-se a categoria social do conceito de juventude, a diversidade é o ponto relevante da classificação deste conjunto caracterizado pela sua formação influenciada pelas condições históricas, sociais e culturais em que o indivíduo está imerso. Assim, segundo a sociologia dentro das passagens das fases da vida, a juventude resulta de um processo de construção social, realizada por grupos sociais, ou em vivências do sujeito que habitualmente passa a possuir consciência das particularidades deste momento da vida. GRACIOLI, 2006, p. 29.

Isso pode explicar a afirmação feita por Did e Castro (2010) em um trabalho feito com jovens de uma Universidade carioca quando falam da dificuldade dos jovens em se projetarem no futuro devido as suas incertezas, por isso se prendem no presente como sua única área suficientemente confortável para se colocarem. Isso ocorre com a visão do futuro formulada na modernidade na qual as ações e decisões tomadas pelo jovem no presente exercem grandes influências em seu futuro, aumentando assim, ainda mais a responsabilidade sobre as atitudes tomadas.

Assim, como as perspectivas de futuro e projeto, o ideal de juventude foi adquirindo e sofrendo transformações do decorrer de uma linha histórica, dependendo da condição sócio histórica de cada época. Não se pode afirmar que exista somente uma juventude, mas grupos juvenis que compõem um grupo formado por sujeitos distintos, quais possuem diferentes oportunidades, perante a sociedade, dificuldades e facilidades. Com isso é possível afirmar que a juventude trata-se de uma fase da construção social do indivíduo sendo esta, a representação da visão de uma sociedade sobre o jovem com seus estereótipos, momento histórico, e as diversas condições de posição social, gênero, etnia entre outros fatores. (Abramovay, Andrade, Esteves, 2009).

A ideia de juventude primeiramente necessitou ser descoberta, surgindo entre várias versões relacionadas em sua maioria as novas necessidades da economia e trabalho que surgiram do decorrer dos tempos principalmente após o período de industrialização e modernização. Chegando aos dias atuais a um lugar de preparação para a vida adulta. Diante disto, a juventude passa a ganhar espaço dentro da sociedade abrindo-se os olhares sobre as “utilidades” deste grupo social.

No livro *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade* os autores Abramovay, Andrade e Esteves, citam Kehl quando afirmam que “o prestígio da juventude é recente” (2004 p. 25). Pois, em momentos passados havia uma valorização da velhice atualmente transferida para os jovens. A valorização por este estágio da vida também é destacada pelo fato de abranger um público central e indispensável dentro do sistema econômico capitalista, pelo fato dos

jovens serem considerados uma potente fonte de mão de obra e ao mesmo tempo uma força consumidora.

Em nossa atual sociedade pode-se afirmar que a maior preocupação do jovem é alcançar uma colocação dentro do mercado de trabalho, alimentado pelo sistema capitalista que vivemos, onde esta exigência é fortemente cobrada. Como já foi dito no início deste tópico:

Muitos jovens alimentam sonhos razoáveis em relação ao futuro porque o mundo real é cheio de incertezas. O melhor é depositar as esperanças no futuro, procurando ampliar a experiência por meio da extensão indefinida da espera, sob forma de “sonhos”, de esperanças, de expectativas e, dessa forma, o futuro tende se atualizar no presente. GRACIOLI, 2006, p.45.

Porém, as dificuldades e barreiras enfrentadas pelos jovens até alcançarem a fase adulta são grandes. Principalmente aos jovens que estão inseridos em uma condição social inferior em relação aos que pertencem a camadas mais abastadas. Tendo que buscar ainda mais alternativas a fim de atingir os objetivos almejados. Diante deste fato acredita-se que a construção de um projeto de vida não seja neutra, sofrendo as influências das causas que rodeiam o sujeito.

Gracioli (2006) coloca que mesmo havendo dificuldades para jovens de todas as camadas sociais, os privilegiados financeiramente possuem melhores condições de enfrenta-las. Pois, gozam de certo poder em adiar as complicações durante a passagem à vida adulta com o prolongamento da juventude, um exemplo, trata-se de aumentar o período dos estudos passando pela graduação, mestrado e doutorado, e apenas posteriormente à procura pelo emprego, entrando no mercado de trabalho tardiamente. Tanto para jovens mais ou menos favorecidos também há outras influências como o adiamento do casamento devido às dificuldades financeiras as implicações em conseguir a casa própria e a independência financeira são também fatores de prolongamento da juventude.

Estes fatores fazem com que hajam indivíduos que já não pertencem mais considerando a faixa etária à condição de jovem, mas contrariamente em sua condição social é classificado como tal. Perante estas razões

principalmente as dificuldades em entrar no mercado de trabalho, Abramovay; Andrade e Esteves (2009) apontam que segundo a UNESCO (2004) a faixa etária que compreende a juventude se estendeu de 25 para 29 anos de idade no Brasil.

O parágrafo acima reforça a condição de que não podemos esquecer é que não só da vontade do indivíduo se consiste o projeto de vida traçado, pois este muitas vezes depende do contexto social no qual o jovem esta inserido, no investimento da família, na cobrança de retorno sobre o jovem realizada pela família, nas condições de mercado profissional e principalmente no momento sócio- histórico que vivem, deixando ainda mais longo o percurso até atingir a independência. Assim como diz Maia e Mancebo:

O projeto como conjunto de ideias e formas de conduta está sempre ligado a outros projetos e condutas localizáveis no tempo e no espaço. O que a noção de projeto procura é dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. 2010, p.382.

O ser humano é capaz de criar e viver segundo o seu projeto de vida e como já foi explicitado anteriormente é fortemente influenciado pelo momento sócio-histórico vivenciado pelo sujeito, porém outro ponto importante trata-se da condição psicológica do indivíduo no período no qual desenvolve a ação de construir o projeto de vida. A condição psicológica exerce a função de contribuir e reforçar as justificativas dadas pelo sujeito para a construção de seu projeto de vida.

Santos (2002) discorre sobre a definição de projeto de vida feita Boutinet (1990) e mostra segundo suas palavras o espaço dado a condição psicológica na construção deste conceito: “O nível psicológico diz respeito à psicologia momentânea do sujeito e tenta articular, no seio de uma certa coerência as razões que o sujeito pode explicitar”. (SANTOS, 2002, p.19). Desta forma a psicologia sustenta as razões apontadas pelo sujeito que levam a formação de determinado projeto para o futuro.

Vale ressaltar que como já dito neste capítulo o jovem em sua idade escolar assim como os participantes contribuintes desta pesquisa encaixa-se tanto considerando a faixa etária, como a posição social, um adolescente

sofrendo alterações corporais devido ao desenvolvimento físico e iniciando um processo de preparações para vida adulta causando assim certos transtornos e dúvidas referentes as escolhas e ações realizadas. Este momento psicológico do jovem é um pouco turbulento causando até alguma vulnerabilidade que pode vir a influenciar a formulação do projeto feito pelo indivíduo.

Mesmo passando por este momento delicado de modificação o jovem carrega a grande responsabilidade de tomar as decisões quais irão traçar o caminho para o futuro, pois estas decisões refletirão influencias em todas as esferas deste futuro, principalmente no que se refere ao trabalho. Pois, é através do trabalho que o individuo conseguirá sua independência podendo sair da tutela da família e finalmente atingir a vida adulta (no conceito social de ser adulto). Deste modo o projeto se encaixa como a linha de ações quais devem ser realizadas para que se chegue ao objetivo final. “o projeto carrega consigo a necessidade colocada na sociedade ocidental de que é preciso definir e descobrir o que o indivíduo quer e pretende”. Maia e Mancebo, 2010, p.382.

As autoras também apontam para o fato de que como reflexo da sociedade contemporânea ditada pela grande competitividade e movimento, onde é necessário um constante aprimoramento individual para sobreviver a tal circunstância os projetos tendem a ser realizados de maneira totalmente individual, perdendo a característica da coletividade como foi falado sobre as modificações ocorridas neste conceito. “a forma de configuração do contemporâneo parece empurrar os jovens cada vez mais em direção à construção de projetos aos quais os interesses coletivos não são integrados.” Maia e Mancebo, 2010, p. 387. Por este motivo dentro da evolução histórica do conceito de projeto a partir do inicio do século XX a sociedade passa a ser caracterizada pela acumulação de projetos como já foi citado como também anteriormente neste capítulo.

Diante do que foi dito a respeito de projeto de vida até aqui temos este conceito sendo resultado da somatória referente as condições sócio-histórica, psicológica e da forma como o individuo se relaciona dentro da sociedade. Como na seguinte afirmação:

Dessa forma, os projetos, longe de serem naturais e inerentes ao sujeito, são elaborações e construções realizadas em função de experiências socioculturais, de vivências e de interações interpretadas, devendo ser, portanto, sempre relativizados. Maia e mancebo, 2010, p. 382.

Principalmente considerando o relacionamento deste sujeito dentro de sua rede social a intenção a partir de agora é buscar entender o que pode influenciar o projeto de vida construído por jovens diante de tais problemáticas considerando com prioridade suas redes de relações (capital social) que exercem influências diretas nas escolhas desses sujeitos e que também muitas vezes acabam por facilitar o acesso a bens materiais ou simbólicos modificando suas realidades.

3 ALGUNS REFERENCIAIS TEÓRICOS SOBRE O CAPITAL SOCIAL.

Neste capítulo serão tratados os pontos referentes ao conceito de Capital Social, sendo este o referencial utilizado para ser a base da análise dos projetos de vida formulados pelos estudantes abordados nesta pesquisa, considerando a influência dos distintos contextos sociais a que pertencem, pois

temos a certeza que o mundo no ao qual o aluno tem acesso é capaz de atuar fortemente em seu pensamento e desenvolvimento.

O sucesso dos alunos depende altamente da cultura que eles trazem para a escola. Culturas de elite que são menos restritas pelas exigências materiais da vida, são, não surpreendentemente, muito mais congruentes com a aquisição de conhecimento, independente de contexto, que culturas desfavorecidas e subordinadas. (YOUNG, 2007,p. 1297).

Consideramos nesta afirmação a cultura citada como as relações destes alunos, oportunidades e acessos constituídos que podem ser facilitados pelo seu Capital Social.

Dois grandes sociólogos se debruçam sobre este conceito a fim de explicitar em que se sustenta e se diferencia dos demais capitais (econômico, humano, cultural, entre outros). Mesmo percorrendo a respeito do mesmo conteúdo, os dois autores acabam discordando em relação a alguns pontos referentes a como se dá este Capital Social.

Nos ideais do sociólogo francês Pierre Bourdieu (Bonamino et al. 2010), o Capital Social é trazido “como a agregação de recursos atuais ou potenciais que possui ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter-reconhecimento”. As redes de relações (sociais) constituem-se primeiramente nas famílias, estendendo-se posteriormente a escola, clubes, etc. O envolvimento dos indivíduos nessas redes acabam proporcionando o pensamento de fazer parte de um grupo.

Os recursos advindos por meio destas relações podem vir a se caracterizar de forma econômica com empréstimos subsidiados, informações e facilidades em negócios, mercados fechados e protegidos. O capital cultural também pode ser aumentado pelo contato obtido com outros sujeitos cultos (especialistas) dentro dos grupos, tratando-se do capital cultural incorporado, ou a partir do fato de entrarem em instituições valorizadas, caracterizando o capital cultural institucionalizado (Portes, 2000).

Desta forma, Bourdieu estrutura o Capital Social em dois elementos: primeiramente, nas redes de relações que disponibilizam aos indivíduos benefícios advindos dos membros que fazem parte de um mesmo grupo; e em segundo, na quantidade e qualidade das vantagens e recursos obtidos a partir

do pertencimento ao um grupo. No que diz respeito ao segundo elemento, afirma-se que:

De acordo com esse autor, o volume de capital social de um agente individual depende tanto da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar como do volume das diferentes formas de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é propriedade exclusiva de cada um dos agentes a quem o indivíduo está ligado. (BOURDIEU apud BONAMINO et al., 2010, p.489).

Diante desta afirmação, o volume de Capital Social que um sujeito possui é submetido à vastidão das relações e à capacidade do indivíduo em fazer com que estas relações ajam a seu favor, e ainda à quantidade de capital econômico, cultural e simbólico que cada sujeito com quem é estabelecido contato possui. Considerando o fato dos atores membros das redes de relações contarem com uma quantidade individual destes capitais, e a partir da existência do inter-reconhecimento gerado dentro das redes, passa a ocorrer uma ampliação destes capitais, fazendo com que se aumente o capital antes possuído unicamente, ganhando assim mais força.

O capital social não é jamais completamente independente deles (demais capitais) pelo fato de que as trocas que instituem o interreconhecimento supõem o reconhecimento de um mínimo de homogeneidade “objetiva” e de que ele exerce um efeito multiplicador sobre o capital possuído com exclusividade. (BOURDIEU, 1998, p.67).

O autor também afirma que o Capital Social possui uma forte propensão a se reduzir em outros tipos de capitais, como o Capital Econômico (devido às trocas materiais e simbólicas realizadas no interior dos grupos sociais) e em Capital Cultural (considerando as influências obtidas pelo grupo a qual se faz parte. A esse respeito Bonamino et al. (2010) destaca a importância do Capital Social para todas as classes socioeconômicas, pois em alguns casos, dependendo do grupo a qual se pertence, é possível surgir, aumentar oportunidades ou benefícios simbólicos como, por exemplo, status e benefícios salariais.

A manutenção do Capital Social também é uma atividade que necessita ser trabalhada constantemente pelo indivíduo, pois a formação dessas relações

não são institucionalizadas como em um grupo familiar (retomando o que foi dito no início deste capítulo, a família é de onde provém primeiramente o Capital Social de um indivíduo). Por isso, há a preocupação em criar esses laços e, posteriormente, mantê-los e acumulá-los. No entanto, para que isto aconteça o sujeito precisa se desprender de tempo e certa condição financeira (ligando neste caso novamente o capital social ao econômico) para conseguir elaborar condições a fim de transformar relações breves e superficiais em relações que contem com significados, sentimentos e reconhecimento.

Uma vez que a ligação existente entre Capital Social e Econômico surge também pelo fato de ser necessária a geração de situações – já que a criação destes grupos não acontece de forma natural –, é preciso que ocorram encontros para a entrada de novos membros nos grupos sociais, o que deve acontecer pausadamente para que os novos conheçam os limites do grupo que então passarão a fazer parte, e iniciem o estabelecimento das trocas, sejam materiais ou simbólicas. Em forma de ocasiões esses encontros acontecem das seguintes maneiras: “rallyes, cruzeiros, caçadas, saraus, recepções, etc. Em lugares: bairros chiques, escolas seletas, clubes... Ou práticas: esportes chiques, jogos de sociedade, cerimônias culturais e etc.” (BOURDIEU, 1998, p. 68).

Este trabalho de manutenção do Capital Social apenas não exige grande necessidade quando o indivíduo já pertence a famílias tradicionais, influentes e bem colocadas socialmente, que possuem um Capital Social herdado, onde há relacionamento com pessoas já conhecidas e participantes do mesmo grupo social.

Outro autor que discorre a respeito do capital social é James Coleman. Ele define este Capital pela sua função, “considerando-o uma variedade de diferentes entidades que compartilham aspectos das estruturas sociais facilitadoras de certas ações dos atores (pessoas ou grupos)”. (Bonamino et al, p. 490, 2010)

Sendo assim, o Capital Social está presente no interior das relações existentes entre os indivíduos, podendo ocorrer por meio de trocas facilitadoras das ações do próprio indivíduo ou do grupo no qual está inserido, e não que este capital pertença à própria pessoa ou encontra-se nos instrumentos físicos que produzem.

Portes (2010) cita Coleman, que distingue o conceito de Capital Social em três partes a fim de compreender a motivação dos atores das relações envolvendo duas pessoas ou um grupo, no que se refere ao beneficiário destas relações e principalmente ao que beneficia. A distinção é feita da seguinte forma: “(a) os possuidores de capital social (os que fazem as solicitações); (b) as fontes do capital social (os que cedem às solicitações); (c) os recursos propriamente ditos.” (PORTES, p. 137, 2010)

Diferentemente do que afirma Bourdieu (1998), Coleman não acredita que o Capital Social acabe por se transformar em capital econômico, valorizando apenas sua importância para o desenvolvimento de algumas ações, importância esta extremamente variável de acordo com o contexto existente, podendo daí o Capital Social ser viável ou prejudicial para os indivíduos.

Outra questão relevante trazida por Coleman é o capital social estruturado na família, vendo estes acontecimentos de duas maneiras: primeiro, a função da família para o desenvolvimento do Capital Social fora do lar (relações sociais); e em segundo, o Capital Social que surge das relações dentro da própria família e como isto é capaz de influenciar os membros desta em seu desenvolvimento cognitivo e escolar.

Assim o autor examina os aspectos da vida familiar que parecem cruciais para o Capital Social. Mostra a importância do Capital Social dentro da família para a educação dos filhos. “A presença do Capital Social é considerada vital para transferir o capital humano dos pais para os filhos” (BONAMINO et al. p. 491, 2010). Afirma também a importância do Capital Humano pertencente aos pais não ser dissociado do Capital Social, pois quando isto ocorre se perde a relevância deste Capital Humano para o desenvolvimento dos filhos das famílias.

A partir do princípio de Coleman (onde o Capital Social não se encontra nos indivíduos, mas sim nas relações estabelecidas por eles) é possível ver que seu conceito de Capital Social está ligado às características da estrutura social que são utilizados como benefícios pelos sujeitos para atingirem seus objetivos estabelecidos. Os aspectos que o autor se vale da estrutura social são: 1) as obrigações dos sujeitos com o outro, as expectativas dos membros e a confiabilidade das estruturas formadas 2) os meios de informação 3) as

normas e regras traçadas e sanções legitimadas. Podendo-se observar que tais aspectos explicitados são capazes de favorecer e simplificar os acordos nas trocas estabelecidas e na demonstração de interesse nos objetivos do outro (BONAMINO et al., 2010).

A intenção de Coleman foi construir seu estudo sobre duas teorias já existentes: uma econômica (ação racional) e outra sociológica (estrutura social). “Seu objetivo original era importar o princípio econômico da ação racional para a análise dos próprios sistemas sociais, incluindo o sistema econômico sem, entretanto, limitar-se a ele ou descartar a organização social” (BONAMINO et al., 2010, p.491). Para isso ele se abriu à teoria da ação racional e buscou explicitar como este conceito, relacionado aos distintos momentos e contextos sociais, pode ser o causador tanto das atitudes dos sujeitos como também do andamento social.

A identificação de algumas fontes de Capital Social é extremamente relevante para entendermos este conceito. Este tipo de capital está alocado dentro das relações existentes entre as pessoas, não sendo material de mérito cultural, estando em terceiros a sua real origem, existindo então nestas relações sua grande fonte. Estas fontes de Capital Social se dividem entre altruísta – quando ocorre o desenvolvimento do sentimento de certa solidariedade e preocupação em relação ao outro – e também de forma instrumental.

Como exemplo do primeiro caso, baseado no pensamento marxista do nascimento da consciência de classe o capital social pode surgir da seguinte maneira: “Ao serem atirados para uma situação comum, os trabalhadores aprendem a identificar-se uns com os outros e a apoiarem mutuamente as suas iniciativas.” (PORTES, p. 139. 2000); movimento que ocorre somente dentro deste grupo não se estendendo a outras instâncias. Este acontecimento recebe o nome de solidariedade confinada.

É esta a fonte de capital social que leva membros abastados de uma confissão religiosa a doar anonimamente fundos para escolas religiosas e hospitais; membros de uma nacionalidade suprimida a associarem-se voluntariamente, sob risco da própria vida, a actividades militares na defesa da mesma; e proletários industriais a participarem em marchas de protesto ou greves de solidariedade a companheiros seus. A

identificação com o seu grupo de pertença, seita ou comunidade pode ser uma força motivacional poderosa. (PORTES, p.139, 2000).

Já no segundo caso o doador não se preocupa em ser ressarcido pelo beneficiado, sendo este ressarcimento responsabilidade de todo o grupo envolvido, abrangendo o próprio coletivo numa garantia da quitação de todas as dívidas adquirida pelos atores envolvidos. Pode-se considerar a confiança um ponto importantíssimo como fonte de capital social.

Como fonte de capital social, a confiança exigível é assim apropriável tanto por dadores como por beneficiários: para estes, facilita obviamente o acesso a recursos; para os primeiros, gera a aprovação e facilita as transações, visto que as protege de condutas ilícitas. (PORTES, p. 140, 2000).

De acordo com o pensamento altruísta, outro exemplo ocorre, considerando a obrigação que o indivíduo sente em relação ao próximo dentro dos grupos sociais, gerando uma relação tão estreita entre os atores e garantindo que as normas estabelecidas sejam seguidas com seriedade por todos os membros dos grupos, baseando-se também este capital na confiança entre os indivíduos.

Trataremos agora a respeito dos vários efeitos que este Capital Social pode causar sobre as pessoas e sociedade, influenciando de diferentes formas no desenvolvimento e ações dos indivíduos.

Portes (2000) divide estes efeitos, que podem se encaixar em contextos distintos:

- 1- Uma fonte de controle social (por meio do disciplinamento, instalações de regras), porém, por sua vez estas regras não são colocadas explicitamente, mas através do reconhecimento das normas estabelecidas e a preocupação em segui-las pelos participantes das relações;
- 2- Como fonte de apoio familiar, ocorrendo em famílias com poucos filhos, onde os pais conseguem dar extrema dedicação a esses filhos. Sendo menor em famílias monoparentais ou onde ambos os progenitores trabalham dispendo, dessa maneira, de pouco tempo para estar com os filhos. Para Coleman, o Capital Social estruturado na família é um forte

contribuinte para este segundo efeito. Outro ponto ocorre quando as famílias se transferem de comunidades com certa frequência, diminuindo assim a possibilidade dos filhos estabelecerem estreitas relações e adquirirem Capital Social, porém este fato só acontece se houver pouco apoio das famílias aos filhos – se há proximidade e troca dentro do lar, isto não ocorre. Pode-se perceber que nos casos das famílias que constantemente se mudam de comunidade há uma grande diminuição dos primeiro e segundo efeitos do Capital Social; mas se houver uma forte ligação e dedicação entre os membros da família, o segundo efeito é aumentado significativamente como o apoio entre os familiares;

- 3- Como ultimo efeito temos o Capital Social como fonte de benefícios através de redes extrafamiliares que se caracteriza pela pertença a grupos, facilitando o acesso a empregos, ascensão social, entre outras benevolências nas quais as ligações pessoais são as chaves para que aconteça a volubilidade do indivíduo na sociedade. Esta função, segundo o autor, é defendida por Bourdieu quando este afirma que o pertencimento a redes de relação extrafamiliares trazem recursos e facilidades aos sujeitos, tendo o Capital Social de uma forma instrumental para conseguir benefícios – contrariamente ao que é afirmado por Coleman, que acredita no Capital Social construído e estruturado no interior das famílias como base da contribuição para a ascensão do individuo.

Até este momento somente os pontos positivos e benéficos do conceito de Capital Social foram tratados neste capítulo, mas assim como há referências favoráveis, também existem alguns pontos considerados negativos. Portes (2000) é um autor que descreve tais questões, dividindo-as em quatro tópicos.

Em primeiro lugar ele coloca o que se refere à existência da forte ligação entre os membros de uma rede social, fato que pode restringir a entrada de outros ao grupo. O controle social exercido pelos participantes dos grupos faz com que haja, por exemplo, monopólios sobre fontes econômicas, deixando que somente estes grupos tenham progressos financeiros e que terceiros não entrem nestes ramos, devido ao forte poder de influencia que possuem diante de suas facilidades em contatos e trocas realizadas dentro dos grupos.

Exemplos disso são o monopólio do comércio de diamantes em Nova Iorque (pelos comerciantes judeus) e o domínio de vários setores da economia de Miami, por parte dos cubanos.

O segundo efeito negativo do Capital Social ocorre contrariamente ao primeiro, pois agora é colocada a existência desses fortes laços, causadores da solidariedade e deveres para com o outro dentro dos grupos – uma forma de barrar o crescimento econômico dos que obtêm maiores condições e que acabam tendo que atender as solicitações dos demais membros dos grupos, diminuindo assim a possibilidade de investimento próprio.

Observou-se que os empresários de maior sucesso eram constantemente assediados por familiares que procuravam um emprego ou um empréstimo. Estas exigências escoravam-se em fortes normas que impunham a assistência mútua no interior da família alargada e entre os membros da comunidade em geral (PORTES, 2000, p. 147).

O terceiro efeito traz a questão da perda da liberdade e individualidade dos sujeitos participantes dos grupos e comunidades fechadas e extremamente ligadas. O fato do estreito relacionamento entre as pessoas chega a reprimir, devido às conformidades adotadas nas condutas entre todos os participantes dos grupos e comunidades as ações dos sujeitos que acabam tendo que agir sempre sob o que foi acordado. Assim, “o nível de controle social nestes contextos é forte e altamente restritivo quanto às liberdades individuais, razão pela qual os jovens e os indivíduos de espírito mais independente acabam sempre por partir” (PORTES, 2000, p. 148).

Portes usa como exemplo dessa questão as palavras de Simmel (1964), quando fala sobre contrariedade entre a solidariedade comunitária e a liberdade individual, na qual a primeira pode acabar por anular a segunda.

O quarto e último efeito negativo relatado se refere à questão da resistência diante da possibilidade de um membro se sobressair no grupo, pois a união deste consiste na neutralidade e nivelamento entre seus membros, e quando um busca e consegue êxito fora do grupo, os laços são rompidos. Desta forma Portes (2000, p. 148) afirma que “resultam normas de nivelção descendente que funcionam de modo a manter os membros de um grupo oprimido no seu lugar e forçam os mais ambiciosos a fugir da alçada do grupo”.

Pode-se ver nestes efeitos que o controle social está presente na maioria das quatro definições feitas pelo autor – contradizendo o que já havia sido dito neste capítulo a respeito do capital social como meio de controle social – trazendo suas características benéficas. Desde modo, entende-se que mesmo existindo os pontos válidos para a sociedade, também por outro lado há os aspectos não tão positivos:

Se a solidariedade confinada e a confiança fornecem as fontes para a ascensão socioeconômica e para o desenvolvimento empresarial entre certos grupos, entre outros produz o efeito exatamente oposto (PORTES, 2000, p. 149).

Diante disto a aplicação do Capital Social deve ser pensada com muita seriedade, e seus efeitos detalhadamente estudados para que os benefícios sejam maiores que as negatividades deste conceito para a sociedade.

Elucidadas algumas definições de capital social a partir dos dois autores citados cabe agora identificar dentro dos projetos de vidas realizados pelos jovens alunos participantes deste trabalho como qual é o poder de influência o Capital Social é capaz de exercer sobre suas escolhas, expectativas, sonhos e atitudes.

4 Análise dos dados.

Como foi descrito no início do trabalho esta pesquisa contou com a coleta de dados a partir de grupos focais realizados com alunos frequentadores de duas escolas, sendo uma particular e outra pública. Estes encontros foram realizados separadamente dentro de cada instituição escolar tendo como participantes quatro alunos que estão no ensino médio. Neste capítulo será explicitado a análise dos depoimentos coletados.

Para isto, o grupo de alunos frequentadores da Escola Particular estão classificados como grupo A, recebendo a identificação de A1, A2, A3 e A4. E os alunos frequentadores do grupo da Escola Pública pertencem ao grupo B, recebendo os nomes de B1, B2, B3 e B4.

Relembrando os objetivos traçados pela pesquisa temos como Objetivo geral estudar como o Capital Social dos alunos de duas escolas da cidade de Rio Claro interfere na construção de seus projetos de vida. E como objetivos específicos, analisar as diferenças e semelhanças na construção dos projetos de vida dos alunos considerando a escola frequentada; identificar onde a escola está presente na construção do projeto de vida dos alunos e analisar como o Capital Social dos alunos de suas escolas localizadas na cidade de Rio Claro, considerando as especificidades de cada uma e do público que atende pode interferir na construção de seus projetos de vida.

4.1 Projeto de vida.

Este tópico abordará a questão de como são os projetos de vida dos alunos pertencentes a ambos os grupos participantes da pesquisa sendo um composto por alunos frequentadores de escola pública e outro de escola particular. Observando se os projetos traçados por estes alunos são objetivos ou caóticos; factíveis ou imaginários e difíceis de serem alcançados. Porém,

buscando concomitantemente entender as similaridades e desigualdades; facilidades e dificuldades relatadas nas falas destes jovens.

Referente aos projetos de vida descritos por ambos os grupos de alunos da escola pública e particular entrar na faculdade após o término da escola está presente em todas as falas. Porém, para os alunos de escola particular as faculdades almejadas são essencialmente as públicas ou no exterior, a hipótese de cursar a universidade em uma instituição particular não é mencionada:

Aluno A1: posso falar primeiro, então no meu caso eu quero, espero que depois de terminar o ano já passar no vestibular, em uma faculdade boa, no meu caso eu preferia engenharia química na Unicamp ou POLI de São Paulo depois disso é... Morar fora e ir levando a vida já, trabalhar...

Podemos notar nesta fala como o projeto de vida deste aluno segue uma linha, onde primeiro há o estudo e depois a busca pela independência, sair de casa, trabalhar e tomar conta da própria vida. Este modo de pensamento do aluno pode explicitar o que foi trazido segundo as palavras de Gracioli (2006) no primeiro capítulo deste trabalho, quando o autor afirma o fato dos jovens pertencentes às classes abastadas conseguirem adiar a entrada na vida adulta com a continuação dos estudos e depois a preocupação com independência financeira e trabalho.

Já os alunos da rede pública as universidades públicas são sim prioridade, mas afirmam que se caso não consigam optarão pelas particulares:

Aluno B4: eu trabalho numa empresa com área de vendas e relações internacionais e eu queria fazer faculdade de comercio exterior pra continuar na empresa eu gosto muito de línguas, intercambio que é meu sonho, ai... acho que é isso, acho que eu quero aprender mais línguas, quero mudar de cidade, eu trabalho o dia todo e quero fazer uma faculdade pública, se não conseguir vou fazer Claretianas (faculdade particular) aqui mesmo que tem em Rio Claro, mas quero tentar a Unicamp em Limeira que da pra ir de van.

A necessidade de trabalhar para manter-se mesmo que em uma universidade pública onde o curso escolhido seja integral, impossibilitando a obtenção de um emprego também é um motivo pelo qual o aluno passa a optar pela universidade particular, mas mesmo assim desde que se consiga uma

bolsa de estudos. Neste caso a precisão do trabalho por parte desses alunos acontece conforme foi falado no capítulo anterior pela falta de Capital Social fonte facilitadora de acessos, onde estes jovens não possuem apoio suficiente em nível familiar nem governamental, tanto no que diz respeito à questão financeira como de influências. E acabam tendo que buscar sozinhos meios de conseguirem ascenderem socialmente encontrando este fim no trabalho, e por muitas vezes assimilando trabalho e estudo, isso quando devido à extrema falta de oportunidade, incentivo e condições optam pelo trabalho como forma de sobrevivência na sociedade, afirmando o que foi posto no capítulo I quando é colocado que as barreiras encontradas pelos jovens das camadas sociais inferiores são maiores para conseguirem atingir seus objetivos.

Aluno B3: eu pretendo acabar esse ano (ensino médio) e eu queria passar na UFSCAR em psicologia, como eu não posso fazer integral psicologia eu tenho que trabalhar então a única opção é Uniararas, UNIP, UNIMEP (instituições particulares) e daí tentar uma bolsa em todas...

Porém pode-se notar também que o aluno prefere se dedicar ao trabalho e a faculdade do que diminuir o padrão de vida conseguido por eles pelo fato de já trabalharem durante a adolescência e desta forma terem certa “independência financeira” como se poder ver na fala:

Aluno B3: é a professora de filosofia falou até que tem moradia e bolsa, mas daí não vai viver só com o que se ganha do governo né, sei lá parece que dão 500, 00 reais, então não dá pra você viver numa cidade que nem São Carlos. Porque aqui eu trabalho o dia inteiro também.

Mesmo diante da possibilidade de ter uma bolsa e moradia na universidade o valor não é considerado suficiente para manter-se no local.

Já os alunos da escola particular apenas um cogita a necessidade do trabalho durante o período de estudos universitários, mesmo assim somente se for preciso, e não como um emprego fixo tradicional mantendo a preocupação apenas nos estudos, a seguinte afirmação traz este fato:

Aluno A1: depende se eu já sentir necessidade de fazer algum bico alguma coisa que possa ... eu faço se for necessário, mas enquanto der eu vou me focar só nos estudos sim...

Diante das falas colocadas até aqui constamos que mesmo havendo similaridade entre os projetos dos dois grupos de alunos considerando o

processo percorrido à vida adulta e seus obstáculos a forma como encaram estas dificuldades são distintas “os jovens de diferentes condições sociais vivem, certamente, problemas semelhantes no processo de transição para a vida adulta, mas vivem-nos de maneira muito diferente”. PAIS, 1996, p. 194.

Esta ocorrência acontece como muito foi falado nos capítulos anteriores devido as condições socioeconômicas dos alunos e as influências que recebem dos grupos sociais quais fazem parte, referente a isto o mesmo autor afirma:

Os projectos de futuro (ou ausência deles) tem muito a ver com as praticas quotidianas em que os jovens se envolvem, com os múltiplos contextos de socialização a que se encontram sujeitos. Embora as suas trajetórias e praticas quotidianas se encontrarem sujeitas a determinações de natureza societal, encontram-se também subordinadas às logicas dos microssistemas de interação e de relações constitutivas das unidades de vida de que fazem parte. PAIS, 1996, p.196.

Um dos alunos da escola particular que coloca em seu projeto de vida o fato de continuar os estudos e morar no exterior apresenta maior facilidade em alcançar este objetivo, por já possuir um parente próximo que reside na Espanha e também conta com o apoio da família para que isso ocorra, este fato chega a reforçar a ideia do Capital Social estruturado na família como é descrito por Coleman nas palavras de Bonamino et al (2010), como fonte de benefícios neste caso ocorrido pela vinculação familiar e apoio recebido pela mesma:

Aluno 2: eu tenho um tio que mora na Espanha, ai fica mais fácil de um dia eu quiser ir lá tenho onde ficar e quem me ajude nas coisas... já pensei nisso também, minha mãe me apoia ela também já falou que seria bom até pra estudar mesmo...

Mesmo a passagem para a universidade sendo um desejo de todos alguns ainda demonstram estarem um pouco confusos na escolha de qual curso irão fazer:

Aluno B2: ai é tanta coisa (risos), eu não sei o que eu quero fazer de faculdade eu tenho uma grande dúvida entre varias coisas, porque eu gosto de Quimica, mas é muito difícil, mas eu gosto eu queria ser veterinária, mas eu tenho muita dó dos bichinhos, então também não ia dar certo. E eu queria fazer Biologia, mas eu não vejo futuro eu fazendo Biologia, mas eu gosto de Biologia...e eu

não quero, não levo jeito para ser professora não ia da certo, mas eu quero fazer uma faculdade espero decidir logo o que eu quero fazer.

Aluno A4: eu quero passar em uma faculdade, mas não tenho uma ideia definida ainda do que fazer...

Esta confusão acontece seja por um leque grande de opções onde o aluno considera suas habilidades e dificuldades para a escolha da profissão, seja na indecisão entre a entrada na faculdade e a vontade de dedicar-se a outra atividade como o aluno explicita:

Aluno B2: Pública quero pública, ah... mas se der certo de conseguir entrar numa particular e não na publica não tem problema... e trabalho eu queria trabalhar com coisa de pesquisa na parte de química, só que chegar ate lá tem que passar pela faculdade e isso é difícil, mas... ah eu vou falar eu tenho um sonho eu queria abrir um bar, maneira de dizer, tipo um salão de dança com varias apresentações de dança, eu acho que aqui em Rio Claro não tem um lugar onde apresenta danças e acho tão bonito eu adoro, e... e isso assim que eu quero.

Outros já mesmo não sabendo que cursos se dedicarão no futuro, não consideram a hipótese de deixar para trás uma atividade qual gostam de realizar:

Aluno A3: a eu quero fazer faculdade sim, mas não quero parar de fazer esporte. (Este aluno é praticante hipismo).

Os pontos relevantes para haver a indecisão nas falas dos jovens também dizem respeito ao momento pelo qual estão passando como foi colocado no primeiro capítulo deste trabalho segundo Dib e Castro (2010) esta indecisão ocorre devido a ideia de as ações e decisões tomadas no futuro causarem significativas influências na vida futura pondo uma responsabilidade ainda maior sobre os atos dos jovens.

Podemos perceber a entrada na universidade como fator comum na fala de todos os alunos, mas eles não deixam de considerar suas realidades para que isso ocorra, pois a condição de cada um impõe certas facilidades e obstáculos para alcançar este objetivo. Por parte dos alunos que já trabalham está preocupação se apresenta com força maior. Os jovens que frequentam a escola particular não colocam empecilhos financeiros para a entrada na

faculdade a grande preocupação é apenas conseguir estudar o bastante para alcançar a universidade.

São explícitas as incertezas em que estes jovens estão imersos para pensarem como serão as suas vidas após a saída da escola e a entrada de vez no processo de passagem para a fase adulta.

Os projetos descritos pelos alunos demonstram que todos possuem objetivos reais e possíveis de serem conquistados. Mesmo que contem com as dificuldades advindas das distintas realidades de cada um.

4.2 Prioridades para o projeto de vida:

Como prioridade dos projetos de vida de todos os alunos entrevistados a entrada na faculdade aparece em primeiro lugar, porém surgem variações a respeito de como este objetivo será alcançado, assim como foi falado no tópico anterior depende das realidades que estão inseridos. Alguns alunos frequentadores da escola pública apresentam dependerem de algumas condições para alcançar este objetivo. Pois, tem a preocupação em se manter durante a faculdade tendo que esperar bolsas de estudo ou conciliar trabalho/estudo e contar com o que a família pode apoiar. Os alunos até colocam em suas falas a vontade de colocar os estudos à frente do trabalho, talvez deixar o trabalho para entrar na faculdade, mas os obstáculos citados acabam dificultando que isto ocorra, as falas a seguir são alguns exemplos:

Aluno B3: minha prioridade nesse momento é o ENEM, porque o ENEM vai decidir minha vida ano que vem, se vou passar numa faculdade, ou se eu vou continuar trabalhando pra pagar uma faculdade, então acho que é o que eu estou pensando desde o começo do ano, e a prioridade é o ENEM, aí... depende da minha nota nele eu vou passar numa faculdade pública e tentar a UFSCAR se eu ver que passei eu vou conversar com meu pai e vou dar um jeito para me sustentar lá, agora se nada der certo eu tento UNIARARAS alguma coisa aqui perto.

Aluno B4: nesse momento ano que vem se tiver condições eu quero parar e me voltar “pros” estudos, se tiver condições, que nem ela falou se eu entrar numa faculdade pública e ganhar uma bolsa aí da pra só estudar, senão trabalhar pra manter o curso e conseguir uma coisa melhor mais pra frente.

Uma aluna frequentadora da escola pública coloca como prioridade para seu projeto de vida o casamento e somente a partir deste buscar por outros objetivos como a faculdade, o trabalho entre outras coisas. Ela justifica esta vontade por sua ligação religiosa onde recebeu segundo a aluna princípios morais fortes que levam a este pensamento, neste caso pode-se notar as influências recebidas pela jovem a partir de sua participação em um grupo social institucionalizado, a sua religião, para pensar seu futuro e também a esperança de conseguir mais facilidades com o casamento para atingir seus objetivos esperados:

Aluno B1: eu amo Historia e gosto muito da área de pesquisa também, mas assim minha religião sempre me ensinou princípios assim muito morais, conservadores, sabe? Então eu sempre tive na minha cabeça que eu tenho que casar, mas não casar pra acabar o mundo, sabe? Casar pra ficar no século XX, pra ficar cuidando de casa tento um monte de filho, não, casar pra ter uma base que nem eu te falei meu namorado “ta” fazendo faculdade e eu quero fazer minha faculdade, ele não pensa que eu tenho que ficar em casa “com a barriga no fogão”, porque não é assim que eu quero as coisas né, agente quer batalhar junto, pra conseguir a coisas junto, então na verdade a minha prioridade o eu estou planejando é meu casamento, pra as outras coisas darem certo pra mim também, então eu “to” feliz que eu vou casar e morar lá (EUA), porque a faculdade lá é muito melhor, então já é uma prioridade que vai me trazer outras coisas que sempre foram o meu sonho. Eu acho importante meu casamento nesse momento pra conseguir as outras coisas.

Podemos perceber desta forma que as influências recebidas por esta jovem demonstram a afirmação de Gracioli (2006), quando diz que os jovens são frutos da construção social, feita por grupos sociais ou por suas vivências como o projeto de vida traçado por ela está estreitamente ligado as influências recebidas pelo grupo religioso que participa.

Outra questão colocada pela aluna é a demora que há em se casar caso tenha que esperar uma estabilidade individual para depois se ligar a outra pessoa, preferindo construir tudo a dois:

Aluno B1: é que nem... Eu não caso, mas eu tenho que fazer faculdade, mobiliar minha casa, comprar uma casa, um carro, fazer minha viagem depois eu caso, ai não caso nunca, né? (risos).

A colocação desta jovem pode ser considerada de uma maneira que vai em contra partida as questões de retardamento da entrada na vida adulta nas palavras de Gracioli (2006) como já colocado anteriormente que consiste na

prorrogação dos estudos e casamento tardio. Mas podemos perceber que ela busca o casamento acreditando nos benefícios que esta relação poderá oferecer como um meio de facilitar o alcance para os demais acontecimentos almejados estudar, trabalhar e ser independente, tendo na instituição do casamento uma fonte de capital social. Podemos pensar que ela acredita conseguir através do casamento tanto benefícios simbólicos como incentivo e apoio, quanto benefícios materiais de ordem financeira para que ela possa se manter e ter uma vida melhor como foi dito no capítulo II onde o alcance de objetivos pode ser altamente facilitado pelo Capital Social do indivíduo, conseguido por meio das relações que estabelece, pois pode ser que a aluna não encontre isto em outras instituições sociais como, por exemplo, a família.

Já outra aluna frequentadora da escola particular quando indagada a respeito da prioridade do futuro (estudar, trabalhar, casar) coloca algumas etapas a serem seguidas como um processo:

Aluno A2: um pouco de cada coisa eu acho casar, trabalhar, estudar ,mas acho que em uma ordem certa eu acho, primeiro a gente tem que ficar bem com a gente, depois ficar bem com outras pessoas , tem que estabilizar a vida primeiro, meus pais falam isso que eu acredito mesmo que seja o melhor pra mim...

Na fala não há a identificação da tentativa de um retardamento da entrada na próxima fase da vida como vimos em outros momentos, mas a busca primeiramente por uma independência para depois construir uma vida ao lado de outra pessoa. Essa condição colocada pela aluna conta com grande influência familiar, pois afirma que os pais a incentivam nessa decisão colocando aí dois pontos relacionados ao Capital Social estruturado na família, no que diz respeito a conselhos como também aos recursos financeiros da família que contribuem para se concretize com mais facilidade os objetivos da jovem.

Nesta situação vemos uma contradição entre as opiniões das alunas e podemos acreditar que as influências recebidas por elas são chaves para à estrutura de seus planos, assim como foi visto principalmente na primeira fala.

4.3 Lugar e importância da escola no projeto de vida dos alunos.

Quando indagados sobre a importância da escola para a construção do futuro todos os alunos de ambos os grupos declararam que a instituição escolar possui grande relevância para a construção da projeção de suas vidas oferecendo significativo auxílio para as conquistas dos objetivos traçados por eles.

Porém, existe uma diferença entre os grupos nos pontos onde os alunos dizem como a escola vem oferecer este auxílio. Especialmente para os alunos da escola pública esta trata-se apenas de uma passagem “obrigatória” para que possam dar continuidade em projetos futuros, sendo vista como uma burocracia para obter um diploma de formação como se vê:

Aluno B1: a gente precisa passar por aqui pra conseguir uma faculdade independente do que aprende aqui precisa do diploma.

Aluno B4: se a contribuição é muita ou pouca a gente precisa do diploma daqui, seja aprendendo ou sendo chutado pelo governo que nem muita gente é, então eu acho que precisa da escola...

Já os alunos da escola particular posicionam-se de maneira diferente colocando a passagem pela escola como o início de um trajeto onde além dos conhecimentos escolares há uma vivência carregada de valores e sentidos que são levados com eles.

Aluno A1: primeiro é oferecendo um bom ensino que acho que... é o principal pra uma escola, depois uma coisa que ela oferece que é diferencial assim é que ela forma um caráter de uma pessoa, ele se preocupa com isso, ela tenta desenvolver além da parte intelectual a parte moral da pessoa assim...

Sendo um prazeroso período de preparação para a vida e construção do indivíduo em seu todo.

Desta forma mesmo que a escola seja considerada importante para os alunos abordados a visão sobre as maneiras que a instituição escolar vem a colaborar são discrepantes.

Quando perguntados se consideram as escola que frequentam boas contribuintes para seus futuros, os alunos da escola pública colocam que frente a outras escolas públicas da cidade a que frequentam é muito boa, também em termos de estrutura, mesmo que afirmem faltar algumas coisas quais julgam de grande importância para o ensino:

Aluno B2: a estrutura da escola é boa. Não tem muito aluno é bom...

Aluno B4: eu acho que agente devia ter uma laboratório de química e de informática porque os aqui não funcionam, alguma coisa pra gente porque o noturno não usa a quadra da escola pra educação física então devia por outra coisa no lugar... podia ter aula de informática porque tem vários alunos que não tem internet.

Aluno B1: eu estudei um mês em outra escola e se eu ficasse lá não ia mais estudar, aqui é muito melhor, é bom...

Os alunos da escola particular dizem que a escola que frequentam é diferencial sendo um excelente local de ensino e também colocam a questão da estrutura escolar, mas neste caso como mais um ponto positivo da escola.

Aluno A3: a qualidade de ensino principalmente é muito boa... Tem a quantidade de recursos também, tem ar condicionado, slides, laboratório de química, sala de informática, laboratório, tem uma boa biblioteca...

A partir destas falas podemos acreditar que os alunos frequentadores da escola particular acreditam receber mais benefícios por estarem nesta determinada escola, do que os alunos da escola pública consideram obter da escola que frequentam. Estes benefícios se caracterizam tanto como simbólicos relacionados aos aprendizados, qualidade do ensino e formação que recebem dentro da escola como também benefícios materiais advindos da estrutura escolar e quantidade de recursos oferecidos pela instituição. Os alunos da escola pública apontam somente os benefícios estruturais da escola sendo estes de nível material, porém em comparação com outras escolas públicas consideradas problemáticas e de menor qualidade.

4.4 Pontos onde o capital social influência os jovens.

A partir de agora a busca se dá pela identificação de influências que motivam o projeto de vida e profissional dos alunos, considerando o peso da família, escola e outras instituições sociais que estes jovens são inseridos.

Em relação ao apoio da família para o que estes jovens farão no futuro os alunos da escola pública demonstram em suas falas certa flexibilidade por parte dos pais, deixando que os jovens façam o que considerarem melhor para suas vidas:

Aluna B1: Eles colocaram assim... se não for na vontade deles eles falam, mas meus pais não interferem em nada nunca...

Na seguinte fala:

Aluno B2: Para escola e trabalho minha mãe nunca ligou, minha mãe nunca foi muito presente, porque ela sempre trabalhou muito, gostava de estudar as coisas dela ela gosta de estética e tal. Quando eu falei que ia fazer história ela falou a legal porque você é pobre fica pobre o resto da vida mesmo (risos), meu pai sempre quis que eu fizesse Direito, mas ninguém nunca interferiu entendeu? Quando eu falei que ia casar minha quase teve um infarto, mas como ela conhece ele, ele morou dois anos aqui ela gosta muito dele e tal, ela ficou feliz e tal... Meu pai no começo não quis ficou meio sem falar comigo, mas depois ele também aceitou a decisão e tal. E o trabalho meus pais sempre me ensinaram a trabalhar, sempre me ensinaram a ser independente sabe? Eu trabalho desde os doze anos, sempre me virei, agora eu tenho um emprego fixo, e um emprego que eu acho bem avançado pra minha idade, sabe? Então eu "to" muito feliz, porque meu emprego caiu do céu, caiu na minha mão, mas porque eu trabalhei tenho experiência e tal... Então eles sempre me apoiaram...

Podemos observar também a influência recebida pela família para o aluno já estar inserido no mercado de trabalho desde muito jovem, demonstrando na fala que o trabalho tem grande importância no meio familiar como uma espécie de "qualidade" caracterizando certa independência para o filho, voltamos aqui à questão do Capital Social estruturado na família segundo Coleman como foi visto no capítulo anterior, porém os alunos da escola pública demonstram possuir poucos benefícios advindos destas relações, pois há pouca proximidade na relação entre pais e filhos, nas falas isto é visto na forma como há pouca interferência das famílias nas decisões dos filhos, o que pode ocorrer devido à falta de tempo, preocupação ou mesmo dedicação dos pais ou

também pelo fato destes jovens já trabalharem e não terem uma extrema dependência da família. Outros exemplos de concelhos que os jovens recebem por parte da família para a construção do futuro estão presentes nas falas:

Aluno B2: a minha mãe não é preocupação com o futuro ela fala que quer uma casa pra ela, quer piscina que ela quer, que eu fique rica e poder pagar tudo para ela.

Aluno B1: olha para falar a verdade mesmo que eu vou fazer Historia, não vou ganhar dinheiro fazendo Historia, quero fazer Arqueologia, mas eu não vou fazer isso para trabalhar, para sustentar minha casa, para comprar minhas roupas. Minha mãe sempre falou filha arranja um marido rico, meu namorado não é rico ele é um americano pobre, mas eu sei que ele tem potencial pra me sustentar (risos) porque historia não vai me dar dinheiro...

Na primeira fala pode-se ver certo “ressentimento” na afirmação do aluno quando diz que a mãe não se preocupa com o seu futuro, mas com o que ele será capaz de oferecer à ela, podemos imaginar que neste exemplo a família também chega a buscar a partir das relações com os filhos conseguir meios de melhorar suas condições socioeconômicas. Já na segunda fala se vê que há um estímulo para o aluno procurar no casamento sua maior fonte para conquistar um futuro melhor, já que considera o que escolheu para cursar a faculdade um ramo qual não oferece grandes oportunidades. Voltamos aqui ao ponto já citado, onde a aluna procura no casamento conseguir benefícios e facilidades, porém sendo possível observar agora uma influência recebida em forma de conselhos por uma parte da família para que isso também ocorra.

Nesta seguinte afirmação:

Aluno B4: é... quanto a escola meu pai é muito... Vê muito nota, mas ele não vê caderno, não vem em reunião também, ele quer a nota. Minha mãe é preocupada em perguntar o que aprendeu, vem nas reuniões. E quanto ao futuro a minha mãe é a pessoa que pensa que tem que fazer o que você gosta pra você fazer bem, então me apoia no que quiser já meu pai quer que faça comercio exterior, ele quer que faça alguma coisa que vise dinheiro, que vise eu ficar rico, que vise ter uma vida melhor.

Com esta fala nota-se que muitas vezes as próprias influências recebidas pelo aluno dentro de casa são diferentes tendo aí, a fala do pai que não concorda com a fala da mãe, deixando com que o jovem sinta maior apoio pelo lado materno. Fato que também pode ocorrer devido a maior participação

e preocupação da mãe pela vida escolar do aluno. No que diz respeito à relação pais/aluno nos assuntos referentes à escola os alunos apontam algumas dificuldades, justificados por muitos pela falta de interesse de alguns pais ou também pela falta de tempo devido a tanto os pais como filhos trabalharem fora.

Aluno B1: meu pai assim.. Sempre me ensinou... Assim tudo que eu sei assim... Na parte de antropologia, historia, humanas é por causa do meu pai, ele me sempre me ensinou tudo assim... quando eu era pequenininha, sabe? Desde tipo... Eu sei não de cor e salteado, mas quase todas as capitais de todos os lugares sabe... Porque meu pai me ensinou e eu sei de coisas sobre... ah conspirações, alienações da nossa cabeça, mídia essas coisas, por causa do meu pai, porque meu pai sempre teve uma cabeça muito aberta, sabe? Então nessa parte ele sempre me ajudou, mas ele nunca perguntou como que eu estou na escola, ele sempre foi muito distraído para essa parte, sabe?

Aluno B2: Meu pai é bem diferente do dela, a minha mãe ela... eu vou falar primeiro do meu pai da minha mãe é mais complicado (risos). O meu pai ele me ajuda quando eu peço, mas é muito difícil, porque ele sai antes de ir para o trabalho e volta eu estou na escola e quando eu chego ele está dormindo no sofá, mas quando eu peço ele me ajuda e... Ele é muito preocupado com educação, ele me ensinou a primeiro estudar e depois trabalhar, ele falou para mim que faz de tudo para me dar uma base se eu não puder trabalhar para eu poder fazer uma faculdade, para eu poder estudar mais ele também é bem inteligente e começou a fazer faculdade e depois parou.

Aluno B3: de conversar sim a minha mãe sempre pergunta com está a escola, que eu fiz na escola, como foi, o que você aprendeu deixou de aprender. Meu pai eu só vejo de manhã, então não dá pra gente conversar muito só o que precisa mesmo...

Diante destas afirmações pode-se concluir que há uma falta de interação entre a família e o jovem decorrentes de fatores como os descritos acima dificultando a relação que gera a troca de informações e conselhos dentro de casa, sendo reduzido desta forma o Capital Social gerado no meio familiar, estas falas exemplificam as palavras de Portes (2000) utilizadas no segundo capítulo, quando coloca como efeito do Capital Social a sua fonte na família, porém sendo fragilizado quando há pouca interação familiar deixando os jovens sem apoio.

Nas falas dos alunos frequentadores da escola particular é unânime a afirmação que a família os incentiva exclusivamente a continuação dos estudos após o término da escola como é mostrado nas afirmações:

Aluno A1: apoia a continuar estudando, à vida acadêmica né...

Aluno A3: a estudar, minha mãe diz que não preciso trabalhar agora, então tenho que me dedicar a estudar mesmo...

Na primeira fala o aluno dá a entender que a família incentiva não apenas a entrada na universidade como também a continuação da carreira acadêmica após a graduação. Na segunda fala pode-se ver que a condição financeira estável que a família possui faz com que não haja o incentivo a entrada no mercado de trabalho anteriormente a finalização dos estudos, pois o aluno não possui a necessidade de se manter financeiramente para conseguir cursar a faculdade.

Aluno A1: de certa forma a família ate incentiva a só estudar por enquanto, fala vai estudar se não estudar não vai ter nada na vida... tem que valorizar o que eles me dão estudando que é só minha obrigação.

Aluno A2: meu pai e minha mãe são professores então eles me cobram muito, falam que eu tenho que estudar dar valor aos estudos, para me preparar para o futuro.

Também é reforçado o incentivo da família para a continuação dos estudos, mas é colocado pelos alunos o fato dos pais se esforçarem para mantê-los em uma escola reconhecida e considerada de boa qualidade como uma forma de apoio da família para que construam um bom futuro, e desta maneira como resposta à família cabe a eles terem um bom desempenho escolar retribuindo o benefício recebido de seus pais por frequentarem uma escola reconhecida. Com isso podemos identificar um efeito do Capital Social caracterizado por Portes (2000) tratando do controle que este Capital acaba por exercer sobre os indivíduos que possuem sempre a preocupação no cumprimento das regras dentro das instituições sociais que participam aqui considerando a família como instituição.

Em relação ao apoio dado pela família na trajetória escolar destes alunos há afirmações da participação dos pais em suas atividades escolares:

Aluno A1: o meu fala faça suas obrigações o que você não conseguir aí pede ajuda, aí ele ajuda, ele ajuda tanto na parte financeira quanto quando eu preciso aqui na escola ou em outra coisa às vezes...

Aluno A2: é engraçado, porque minha mãe estuda bastante para passar em concurso e às vezes ela também precisa de ajuda e eu ajudo ela nas coisas, e ela faz isso comigo também... A gente faz uma troca.

Aluno A4: em casa eu posso também contar com meus pais quando eu preciso de ajuda aqui na escola... Sempre faz as coisas comigo. Eles conversam também dão conselhos essas coisas...

Estas afirmações mostram que existe uma troca dentro de casa dos conhecimentos e informações entre pais e filhos. Na primeira fala o aluno coloca que conta com a ajuda dos pais além nas questões escolares, mas também financeiramente entre outros aspectos. Com isto podemos ver novamente a fala de Coleman em relação ao Capital Social gerado na família, porém agora de forma contrária ao modo como apareceu em consideração aos alunos da escola pública, pois percebe-se que a troca dentro do meio familiar é maior para os alunos da escola particular como afirma Portes (2000) as trocas de relações é maior em famílias que possuem filho único, não são monoparentais, ou ambos os pais trabalham. E no caso dos alunos na escola particular mesmo que ambos os pais trabalhem os jovens não possuem esta atividade e todos os alunos participantes se declararão filhos únicos, já os alunos da escola pública além dos pais os filhos também já trabalham fora de casa, e também dos quatro alunos participantes do grupo focal apenas um se disse filho único, tendo desta forma dividida a atenção dos pais com um irmão ou irmãs.

Na terceira fala qual o aluno considera o fato dos pais darem conselhos e conversar sobre variados assuntos também consiste como uma forma de apoio dado pela família, como igualmente aparece na seguinte afirmação:

Aluno A4: tem e quando tem dificuldade aqui na escola eles tentam ajudar...

Onde da mesma forma o diálogo com a família é colocada como de grande importância servindo da mesma forma como estímulo.

Quando o assunto se refere a que a escola estimula os jovens para o projeto de futuro os alunos da escola pública colocam suas falas de forma contrastante como se pode ver nas seguintes afirmações:

Aluno B3: Eu tenho um professor que já falou pra mim, vocês não vão ser nada na vida sabe? Desestimula um pouco acho que falta mais conscientização

Aluno B2: aham, fala sim Enem, Saesp...

No primeiro caso é posto a fala de um professor que chega a dizer que os alunos não conseguirão construir um futuro positivo, contando com o fato do Capital Social ter sua grande fonte nas relações entre os indivíduos. Diante da afirmação deste aluno é vista uma relação fragilizada entre professor/aluno tendo assim barreiras para os indivíduos retirarem benefícios desta relação, causando exatamente um efeito contrario deixando com este acontecimento os alunos desestimulados quando pensam na projeção de suas vidas.

Porém, os alunos confirmam que acontecimentos como este ocorreram isoladamente e que a grande maioria dos professores os incentivam a tentar cursar uma faculdade e progredir futuramente. Como é observado no segundo caso, qual o aluno afirma ouvir conselhos motivadores por parte dos professores.

Aluno B4: eu acho que a maioria dos professores nos incentivam sim a fazer vestibular e estudar, mas já aí em controvérsia alguns querem que a gente saia daqui o mais rápido possível. Nas férias eu conversava com uma amiga minha e a gente falava que precisava de professor de matemática e português muito bons pra melhorar para o ENEM, mas a gente tinha u

m professor e ele saiu e aí veio outro, e outro e agora ele voltou, mas só passa interpretação de texto e disse que graças a Deus ele vai aposentar em agosto.

Esta fala traz um misto das duas opiniões dos alunos, mas não deixa de confirmar que a maioria dos professores os consideram capazes de construir um bom futuro. Outro fato importante para se pensar é como a constante troca de professores não deixa que se crie uma relação mais aprofundada sendo

neste caso apenas superficial, dificultando assim a existência de laços onde os sujeitos possam se sentir parte de um grupo fato este indispensável para que haja trocas e exista o Capital Social, assim como já foi dito anteriormente o envolvimento dos indivíduos nestas redes acabam proporcionando o pensamento de fazer parte de um grupo Bonamino et al (2010).

Também as próprias histórias de alguns professores que possuíam realidades próximas das destes alunos servem como um encorajamento para buscarem um futuro melhor a fala seguinte demonstra este sentimento por parte do aluno:

Aluno B3: eu acho que a professora de química incentiva, eu odeio química, mas ela (professora) é fala que ela não chegou onde ela chegou sozinha, ela é formada pela UFSCAR, que ela batalhou pra conseguir chegar onde ela está, para conseguir se sustentar lá, que não foi fácil pra ela. Assim não que outros professores não falam, mas ela fala uma coisa que aconteceu com ela e não vai lá você tem que estudar, tem que passar no vestibular, sendo que ela não fez isso entendeu? Porque o pai dela pagou a faculdade ou que ela estudou em uma escola de ensino bom e conseguiu passar entendeu

A existência de uma relação que conte não apenas com a vivência em sala de aula, mas onde exista uma troca de experiências entre professor/aluno e vice-versa também está presente na fala dos alunos quando são indagados sobre como a escola os incentiva para a formação do plano de futuro elaborado por eles. Como na afirmação:

Aluno B2: alguns professores contribuem não só no ensino, mas pra vida assim... com lições de vida. O ensino é bom também depende muito do professor. Tem professor que se relaciona com a gente e tenta ensinar mesmo fora da escola até pela internet as vezes ele passa coisas pra gente para ajudar...ele é muito legal, manda sites pra gente estudar. A professora de biologia também sempre se está com a gente manda coisas fora da escola. Ela tem respeito ela sala, ela da conselho, conversa.

Observamos que o aluno considera extremamente válido a preocupação dos professores com seu aprendizado pelo fato de buscarem outros caminhos para levar os conteúdos aos alunos e sanarem dúvidas. As conversas e conselhos são desta forma consideradas grandes benefícios advindos das relações professor/aluno.

Os alunos frequentadores da escola particular colocam que recebem grande incentivo por parte da instituição e sempre em direção a continuação dos estudos:

Aluno A1: aqui é puxado demais as vezes...(se referindo ao ritmo das aulas e estudos).

E também quando é afirmado:

Aluno A2: a escola sempre apoia a terminar os estudos e entra na universidade, mas em uma boa e de preferencias nas publicas, sempre dizem que precisamos se esforçar para conseguir isso, para ter um futuro bom mais pra frente.

Reforçando o estímulo dado para o aluno entrar na universidade.

Assim como acontece na maioria das vezes na escola pública para os alunos da escola particular a instituição de ensino é colocada como grande incentivadora quando existe no local interação e diálogo entre professores e alunos, seja dando conselhos para o futuro, ou procurando outras maneiras de levar informações para os alunos demonstrando interesse com a absorção de seus conhecimentos e informações.

Aluno A4: eu já morei em outra cidade e depois voltei para cá e era diferente mesmo, acho que aqui os professores são mais abertos, mesmo que seja puxado e tenha bastante coisa para fazer eles conversam, dão conselhos, estão dispostos a ajudar mesmo fora do período de aula na sala mesmo, as vezes eu tenho duvida ou curiosidades sobre outras coisas e tem um professor que converso e quando ele acha o que preciso me manda por e-mail, ou vem conversar... lá não tinha isso.

Levando em consideração as ideias de Bourdieu relatadas por Portes (2000) onde afirma que o Capital Social pode ser revertido em outro tipo de capital, pois o Capital Cultural também pode ser aumentado pelo contato obtido com outros sujeitos cultos (especialistas) dentro dos grupos tratando-se do capital cultural incorporado, ou a partir do fato de entrarem em instituições valorizadas caracterizando o capital cultural institucionalizado. Sendo assim podemos considerar a escola uma grande fonte onde os sujeitos podem aumentar seu Capital Cultural. Porém, diante das falas colocadas pelos alunos percebe-se que para eles a estreita relação, o reconhecimento entre os sujeitos

e os incentivos e conselhos são às vezes de maior importância no momento que estes jovens pensam seus futuros.

Quando perguntados sobre como conversam com os amigos referente as escolhas do futuro, e a que eles se estimulam dentro de seus círculos de amizade os alunos da escola particular colocam que a grande maioria dos amigos que possuem são os da mesma escola, muitas vezes porque esta proximidade acontece pelo fato dos pais terem amizade, ou por morarem próximos no bairros e condomínios, ou mesmo devido ao grande período de tempo que os alunos frequentam a mesma escola, pois a instituição atende desde a pré escola até o ensino médio. Assim voltamos a questão sobre o estreitamento dos laços nas relações estabelecidas por estes alunos, pois estes jovens além de viverem a mesma realidade socioeconômica, aparentam frequentarem as mesmas redes sociais também pela influencia das famílias, tendo uma grande proximidade mesmo fora da escola. O que facilita a confiança entre os membros dos grupos e as trocas existentes.

Aluno A3: a maioria é aqui da escola também, tem muito amigos aqui da escola que moram perto da minha casa também, e tem vários que trabalham com meu pai, então a gente se vê as vezes quando nossos pais fazem algumas coisas juntos...

Aluno A4: a maioria é daqui também porque estou na escola desde sempre, então todos meus amigos são daqui...

Apenas uma aluna que mora na cidade de Araras próxima a Rio Claro cidade qual é localizada a escola que estuda diz que seus amigos são em maioria da cidade que mora pela facilidade de contato.

Em relação a pergunta se há conversa com os amigos a respeito do futuro e suas escolhas há a confirmação que isto existe entre estes jovens.

Aluno A1: ah eu já cheguei a conversar é comum né quando chega nessa fase falar o que você vai fazer, quando acabar a escola, fazer faculdade de que, onde vai querer fazer a faculdade é coisa da rotina.

Já nas falas:

aluno A4: Ah eu estou no primeiro ano ainda, mas agente já conversa um pouco sobre isso e os planos são parecidos, a gente quer fazer o vestibular quando acabar a escola e ir pra faculdade, acho que nenhum amigo ainda falou

que quer fazer outra coisa assim... até porque, acho que a gente ouvi muito isso dos pais e aqui na escola né...

Aluno A2: sempre que a gente conversa sobre isso, mesmo que ainda não tenha ideia do que fazer, a faculdade é em primeiro lugar... até porque a gente que é no 3º ano a cobrança é grande...

Além de confirmarem que os planos são basicamente os mesmos terminar a escola e imediatamente passar no vestibular é dito que estimulando-se entre si a continuação dos estudos com a entrada na universidade. Pode-se ver também nestas falas o apontamento feito pelos alunos a cobrança imposta sobre eles referente ao que farão no futuro sendo uma espécie de consenso a entrada na universidade logo após a saída da escola, o que igualmente é posto na afirmação:

Aluno A2: nossa isso é verdade os alunos também falam... se você não sabe ainda o que vai fazer na universidade eles falam, mas você vai fazer mesmo assim né? E também tem que ser faculdade publica senão... eles não acham legal também.

Mostrando como está presente na rotina destes alunos a importância dada pelos próprios amigos da escola à escolha que deve ser feita por eles logo ao terminar o ciclo escolar, pois se isso não ocorre o indivíduo é visto como se não estivesse seguindo a etapa comum a todos. E ainda mais uma vez é colocada a importância da entrada em uma universidade pública para conseguir uma maior valorização.

Desta forma a participação destes alunos em um mesmo grupo, recebendo as mesmas influências das instituições sócias que participam família e escola refletem em suas interações formulando um consenso entre as escolhas que devem ser feitas para o futuro.

Quando este assunto é levantado entre os alunos frequentadores da escola pública a maioria também coloca seus objetivos em semelhança com de seus amigos nos momentos em que conversam sobre o futuro. As falas:

Aluno B4: ah...acho que assim tem uma pessoa que eu sempre converso ela quer fazer mais a área de comunicação e ela acha que não devo fazer, mas os

planos são mais ou menos os mesmo estudar os objetivos são parecidos, mas em áreas diferentes...

Aluno B3: eu... o grupo que eu ando são meio que os mesmo planos são os mesmos sim... a gente não sabe ainda o quer fazer de faculdade, mas a gente segue a mesma ideia assim... do que quer fazer da vida, sobre o trabalho também e querem fazer a faculdade, ter a vida delas a independência deles.

Na segunda fala podemos ver também que existe em relação ao trabalho a mesma preocupação por parte dos amigos sobre os obstáculos que precisarão considerar para entrar na universidade e manter os estudos.

Outro aluno expõe que possui objetivos futuros semelhantes a de seus amigos, mas não há esta igualdade com os colegas que estão na mesma turma da escola, o aluno não soube explicar muito bem o porque diz que os outros jovens pensam diferente em relação ao projeto de futuro, mas acredita que isso ocorra pelas influencias familiares recebendo valores e princípios que não levam a mesma forma de pensamento.

Aluno B2: acho que segue a mesma ideia também. Eu não concordo com a maioria da sala pelo modo como eles querem fazer para chegar lá, nos mesmo objetivos que eu. Eu e ela (aluno 1) acho que temos os mesmo objetivos mesmo ela querendo casar antes e tal, pra mim isso não faz diferença eu não quero sair de perto do pai e da minha mãe, ela quer sair de casa e ficar com marido, mas os objetivos são os mesmo. Ela (aluno 1) me estimula bastante e eu ela. Eu gosto muito de conversar sobre o futuro, mas o pessoal da sala pensa de uma maneira diferente... A não sei... acho que o ensino de dentro de casa é diferente, o que aprende em casa, acho que mesmo que os objetivos são diferentes não sei explicar...

Já na fala seguinte:

Aluno B1: eu penso diferente porque eu quero casar primeiro e as pessoas não concordam, uma menina de 18 anos casar “tá louca”, mas eu quero os mesmo objetivos que a maioria, mas antes eu quero casar.

O aluno coloca o fato de seus objetivos futuros serem os mesmo de seus amigos, diferenciando-se apenas em seu desejo de casar antes de conseguir entrar na faculdade e trabalhar na área qual escolheu, pode ser encontrado na fala como a aluna é vista pelos colegas devido a seu

pensamento causando certo estranhamento por parte deles. Como já foi dito anteriormente a aluna afirma ter a vontade de se casar primeiro devido aos ensinamentos absorvidos em sua religião. E também por julgar que desta forma será mais fácil de alcançar seus objetivos.

Diferentemente dos alunos da escola particular os da escola pública dizem que a maioria de seus amigos são de fora da escola sendo do bairro, igreja de outras escolas que vieram, pois a escola pública atende do 5º do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, e nenhum dos alunos entrevistados estão na escola desde o ensino fundamental.

A menor proximidade existente entre os alunos da escola pública pode ser justificada pela falta de estreitamento das interações devido ao pouco tempo de convivência destes alunos, como a escola atende os alunos a partir do ensino fundamental II estes adolescentes chegam à escola com grupos de relações já formados o que dificulta a abertura aos outros indivíduos diminuindo assim a confiança e a intensidade das trocas que podem ser realizadas dentro de um grupo. Deixando o Capital Social que pode ser gerado fragilizado.

Podemos ver também que pelo fato dos alunos pertencerem a mesma realidade social os objetivos e conselhos são semelhantes no que se refere à necessidade do trabalho e os planos para o futuro.

O fato das influências recebidas por estes alunos serem distintas de acordo com cada realidade como foi colocada na primeira fala acima faz com que a proximidade dos sujeitos seja menor, em nenhum momento os alunos da escola pública disseram haver proximidade entre suas famílias pelo fato de frequentarem os mesmos grupos ou morarem próximos, pois a escola se localiza em uma zona próxima ao centro da cidade, mas atende alunos de diversos bairros, onde a maioria são periféricos. Sendo assim as relações mais superficiais, havendo pouca confiança no outro e dificultando o acesso aos benefícios que podem ser recebidos ao participarem destes grupos de relações.

Quando foi perguntado se estes amigos que possuem são de escolas públicas ou particulares as respostas giraram em maioria em torno da escola

pública, apenas um dos alunos afirmou que possui um amigo que conheceu na igreja e estuda em escola particular coincidentemente a outra escola participante desta pesquisa. E diz que quando conversam sobre o futuro este aluno sempre o incentiva a terminar os estudos escolares e entrar na universidade:

Aluno B4: ele me fala pra prestar faculdade publica e as vezes eu tenho duvida e peço ajuda pra ele e ele me ajuda, o que eu estou aprendendo agora ele fala que aprendeu no primeiro ano da escola dele...

Pode-se perceber nesta passagem que o estímulo feito pelo aluno frequentador da escola particular é diferente dos feitos pelos amigos que possuem a mesma realidade do aluno frequentador da escola pública como foi percebido no início deste tópico no momento em que todos os alunos responderam possuir os mesmos objetivos que seus amigos em relação a faculdade e a preocupação de trabalhar para conseguir sustentar seus estudos. Podemos ver também além dos conselhos outro benefício simbólico recebido a partir desta amizade no momento que o aluno diz recorrer ao amigo quando necessita de auxílio na escola. Podendo aumentar seu Capital Cultural a partir desta relação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo o projeto como é colocado na perspectiva de Machado vendo esta dimensão do tempo como “esboço, desenho, guia da imaginação ou semente da ação, um projeto significa sempre a antecipação, envolvendo uma ação, envolvendo uma referência ao futuro.” (2006 p.5).

Considerando assim os ideais de futuros construídos pelos jovens que participaram deste estudo, pudemos ver através dos dados coletados com os grupos focais quais as semelhanças e diferenças entre os projetos de vida de ambos os grupos de alunos, considerando as singularidades das distintas realidades. E constatamos que mesmo que as pretensões sejam semelhantes

– a entrada na universidade como uma unanimidade entre todos os alunos – os obstáculos colocados pelos jovens frequentadores da escola pública são maiores, considerando as condições financeiras, o recebimento de apoio e recursos das famílias e também governamentais, diferentemente das preocupações colocadas pelos alunos da escola particular, que não indicaram sofrer tanto com estas questões, tendo como foco principal somente conseguir estudar para entrar na universidade.

Quando pensamos na questão referente (se estes planos são factíveis ou difíceis de serem alcançados), podemos constatar que mesmo com a existência das dificuldades encontradas pelos alunos, os objetivos traçados por eles são possíveis de serem alcançados, pelo fato de contarem com alguns obstáculos que mudam conforme as realidades, mas não se tratam de sonhos e metas extremamente difíceis ou impossíveis de serem atingidas.

Também pudemos ver como estes alunos estruturam o pensamento para o futuro, quais são as prioridades e a sequência em que colocam seus objetivos. Percebemos que a grande maioria – principalmente os alunos da escola particular, pois possuem uma base mais segura para estruturar seus planos – segue uma linha de acontecimentos planejados, tendo a colocação que foi feita no primeiro capítulo deste trabalho, na qual a dimensão do tempo é colocada em uma forma linear, dividida entre passado, presente e futuro, assim como Leccardi (2005) caracteriza a visão do tempo na era moderna com a crença que o Homem é capaz de decidir seu futuro a partir de suas escolhas e ações. Para os alunos de escolas particulares, a prioridade está em entrar na faculdade e, depois, no mercado de trabalho. Desta forma os alunos advindos da escola particular têm a possibilidade de retardarem a sua entrada na fase considerada socialmente como adulta, segundo a ideia de Graciolli (2005), e isto faz com que existam sujeitos que não pertençam mais à faixa etária considerada de um jovem, mas sua classificação na sociedade o indica nessa categoria.

Em relação aos jovens de escola pública, este já estão inseridos no mercado profissional e essa ordem se se inverte: o trabalho é prioridade para que, assim, possam cursar a universidade, pois afirmam que apenas desta forma conseguiriam se manter estudando e continuar com o mesmo nível de

vida que atingiram por já trabalharem, como pode ser visto nas falas do capítulo anterior.

Podemos perceber a partir das situações citadas que mesmo que estes jovens pertençam a uma mesma fase da vida em sentido cronológico, as diferenças entre suas vidas são muito grandes. Sobre isto Pais (1996, p. 33) coloca dois eixos para a juventude ser olhada, considerando as diferentes realidades dos sujeitos que são:

Aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros.). De facto quando falamos de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma fase de vida.

Esta passagem nos explicita o fato dos projetos traçados pelos dois grupos de alunos trazerem planos que, mesmo que tenham semelhanças, possuem obstáculos diferentes para serem realizados, considerando as distintas realidades e singularidades de cada um.

No relevante a questão do lugar ocupado pela escola no projeto de vida destes alunos, as visões são discrepantes, quando considerando a escola frequentada. Os alunos da escola pública colocam a importância no fato de ser necessária a passagem pela escola para que consigam o diploma e possam almejar outras coisas, mesmo que a escola que frequentam seja considerada por eles próprios melhor perante as outras escolas públicas da cidade.

Os jovens da escola particular colocam a escola como muito importante também para a construção pessoal, como um lugar no qual, além do conhecimento institucionalizado, também recebem valores pessoais que são levados quando saem da escola.

Quando consideramos as influências recebidas pelos alunos das instituições e grupos sociais que fazem parte é possível ver as diferenças entre os dois grupos de alunos. Os da escola pública demonstram contar com menor interferência da família na construção de seus projetos de vida, seja pelo fato de não serem mais totalmente dependentes de seus pais, ou por terem pouca interação com os familiares, devido ao pouco tempo que passam juntos, pois

tanto pais como filhos estão fora de casa a maior parte do dia, devido ao trabalho e estudo; e também pela pequena força de influência que as famílias possuem socialmente por contarem com pouco poder aquisitivo.

Diferentemente do que ocorre com os jovens da escola particular, que indicam receber grandes influências por parte da família para a construção de seus projetos de vida, principalmente pelo fato do investimento feito pelos pais nestes alunos com o oferecimento do estudo e mais oportunidades, devido ao maior poder de influências que estas famílias possuem por participarem de grupos sociais mais abastados.

No que se refere a como o Capital Social interfere nos projetos de vida dos alunos, notamos que há sim uma grande influência dos recursos e oportunidades oferecidas para estes jovens, principalmente pela fonte familiar, e também pelos conselhos, incentivos e ideais recebidos dos indivíduos participantes das mesmas redes sociais destes alunos. Também pudemos constatar que o Capital Social estruturado na família faz uma significativa diferença no projeto de vida dos jovens, principalmente dos alunos da escola particular, pois estes podem usufruir melhor de mais benefícios vindos destas relações. Este Capital Social estruturado na família faz com que voltemos às palavras de Coleman explicitadas por Portes (2000) a respeito da instituição familiar com uma das principais fontes de benefícios para os indivíduos, oferecendo aos sujeitos o desenvolvimento do Capital Social externamente ao seio familiar com as relações sociais e o nascimento deste capital no interior das famílias, e as influências que causam no desenvolvimento do indivíduo.

A escola, porém, não deixa de ser uma instituição onde os sujeitos recebem influências para construírem seus projetos de vida, pois dentro desta instituição os jovens recebem exemplos: os alunos da escola pública afirmaram receber, de uma professora com uma trajetória de vida semelhante a deles, incentivos para conseguirem e se esforçarem na busca por um futuro melhor. Além dos conselhos, contam com amigos que acabam levando estes jovens a participarem de um mesmo grupo social e dividir assim os mesmos ideais, como nas falas dos alunos de escola particular quando colocam o pensamento estritamente incomum de entrar na universidade após o ciclo escolar.

A escola também oferece, a partir de seus recursos e estrutura, uma possibilidade de melhor desenvolvimento dos conhecimentos escolares para os

alunos, tornando assim mais próximo o objetivo de almejar, conseguir entrar em uma universidade.

Desta maneira, diante do que vimos em relação aos projetos de vida e as influências que recebem dos grupos e instituições sociais que rodeiam estes jovens, colocamos o que já foi afirmado no segundo capítulo deste trabalho nas palavras de Bonamino et al. (2010), quando coloca a relevância do Capital Social para todos os indivíduos independente da classe social que pertença, pois a partir destes grupos é possível que oportunidade e benefícios (simbólicos ou materiais) sejam ampliados.

6 Referências

- ABRAMOVAY M. ANDRADE. E. R, ESTEVES L. C. G, **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. MEC/Unesco. Brasília, 2009
- BONAMINO, A; ALVES, F.; FRANCO, C; CAZELLI,S. **Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, dez. 2010 . Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>. (acesso em: 10 jan. 2013).
- BARDIN, L. **Análise do Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, P. **Escritos da educação**. Cap.III o capital social – notas provisórias pp.67-69, Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.
- DIB, S. K., CASTRO, L. R. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. **O trabalho é projeto de vida para os jovens?** 2010, vol. 13, n. 1, pp. 1-15;
- GRACIOLI, M. M. A concepção Subvertida de Futuro dos Jovens: **A trajetória pelo ensino médio**. Tese Doutorado, 2006.
- LECCARDI,C. **Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo**. revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, pp. 35-57. 2005.
- MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. Escritura Editora, 2006.
- MAIA. A. A R. M., MANCEBO. D. **Juventude, Trabalho e Projetos de Vida: Ninguém Pode Ficar Parado**. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2010.
- PAIS. J. M. **Culturas Juvenis**, Casa da Moeda, Lisboa, 1996.
- PORTES, A. Capital Social: **Origens e Aplicações na Sociologia Contemporânea**. Revista: Sociologia, Problemas E Práticas n.º 33, 2000, pp. 133 -158.
- SANTOS, M. I., **Projeto de Vida e Perspectivas Futuras: um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes nos projetos de vida dos jovens**. 2002.

YOUNG, M. **Para que servem as escolas.** Educ. Soc. Campinas, vol. 28, nº101, p.1287-1392, set/dez. 2007. Disponível em <<http://WWW.cedes.unicamp.br>> (acesso em: 15 dez. 2012).